

OS ENSINAMENTOS DA TORAH E AS RELAÇÕES CONTURBADAS NA JUDÉIA: EXPLICAÇÕES JUDAÍCAS PARA A CONQUISTA DE POMPEU

Bruno Pereira Barbosa¹

Marinalva Vilar de Lima (Orientadora)²

Resumo: O presente artigo analisa os fatores que, segundo Flávio Josefo, auxiliaram na romanização da Judéia, entre eles destacamos a concepção judaica quanto às relações étnico-raciais nas terras israelitas segundo os ensinamentos da Torah. Utilizamos como base os escritos de Flávio Josefo, além de algumas passagens da Torah, que nos ajudaram a compreender quais foram os dilemas encontrados naquela conquista e como se construiu uma compreensão sobre invasões estrangeiras no território do “povo escolhido”. O século I a.C na Judéia é marcado pela guerra civil entre dois irmãos: Hircano II e Aristóbulo II, filhos de Janeu, cognominado de Alexandre, que havia conquistado quase toda a terra de Israel e expulsado vários inimigos como os selêucidas e os nabateus, que hostilizavam a região. Flávio Josefo nos mostra que, o domínio da Judéia, Iduméia, Galiléia, e Samaria, incluindo algumas cidades da Síria ficaram sob regência de Alexandra sua esposa que conteve os ânimos locais e conseguiu o afeto da população, convertendo o ódio que sentiam pelo governo de Alexandre Janeu em afeto. Entretanto, Hircano e Aristóbulo digladiavam-se pelo poder, enquanto Pompeu estava em plena campanha na Baixa Síria.

Palavras-chave: Judéia, Torah, Flávio Josefo, Pompeu, Romanização.

Abstract: This paper analyzes the factors that, according to Flavius Josephus, supported the romanization of Judea, among them we highlight the jewish conception about ethnic-racial relations in Israel lands according to the teachings of the Torah. We use as base Flavius Josephus writings, and some passages of Torah, which helped us to understand what were the dilemmas found in that achievement and how were constructed an understanding of foreign invasions in the territory of the "chosen people". The first century B.C. in Judea is marked by civil war between two brothers: Hyrcanus II and Aristobulus II, sons of Jannaeus, surnamed Alexander, who had conquered almost all the land of Israel and expelled many enemies like the seleucids and the nabateans, whom harassed the region. Josephus tells us that the area of Judea, Idumea, Galilee, and Samaria, including some cities of Syria came under the regency of his wife Alexandra that controlled local spirits and won the affection of the people, converting the hate they felt for Alexander Jannaeus in affection. However, Hyrcanus and Aristobolus battled each other for power, while Pompey was in campaign in lower Syria.

Keywords: Judea, Torah, Flavius Josephus, Pompey, Romanization.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – email: brunop2barbosa@gmail.com.

² Professora das áreas de História antiga e medieval da UAHis da UFCG; Doutora e Pós-Doutora em História Social pela USP; Professora do PPGH UFCG. Email: iramlima@ig.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Flávio Josefo descreve o momento em que o rei Salomão recebe instruções de *Adonai*³ em sonho o instruindo para que o seu reinado desse prosseguimento a prosperidade de seu pai, Davi, conservando as suas conquistas e estabelecendo a soberania do território israelita. Nesse momento, vemos questões importantes na *Torah*, que para Josefo foram fundamentais para entender, no âmbito religioso, o que significavam as inúmeras invasões nas terras israelitas, que com os imperadores romanos se cumprira a interrogação estrangeira: “Como é possível esses israelitas, que Deus havia elevado ao cúmulo da felicidade e da glória, serem agora odiados e abandonados por Ele?” (JOSEFO, 2013, p. 391.)

O povo também seria atingido pelo castigo. Seriam afligidos com guerras e oprimidos por toda espécie de males. Seriam expulsos do país que Ele dera aos seus antepassados e andariam errantes por terras estrangeiras. E o Templo que permitira construir seria destruído e reduzido a cinzas pelas nações bárbaras.

As cidades também seriam arrasadas. Enfim, eles cairiam em tal extremo de males que a notícia, espalhada por toda parte, pareceria incrível, e dir-se-ia com espanto: “Como é possível esses israelitas, que Deus havia elevado ao cúmulo da felicidade e da glória, serem agora odiados e abandonados por Ele?” (JOSEFO, 2013, p. 391.)

Esta pergunta traz consigo uma série de pontos que a Lei mosaica advertia quanto aos contatos com estrangeiros, que poderiam prejudicar o crescimento salutar da nação judaica, trazendo de tal modo para nós outra indagação: Quais eram essas questões que a lei se referia quanto às relações étnico-raciais nas terras israelitas? Como deveria ser o procedimento do hebreu frente à presença de um “estranho” no seu território?

Analisaremos qual a concepção judaica a partir da Lei referente ao tratamento aos estrangeiros e quem eram esses que peregrinavam pela Terra de Israel. Destacamos também a visão sacerdotal de Josefo que delimitava as relações pessoais com esses estrangeiros de forma que houvesse o bom andamento das práticas e costumes judaicos, além disso, e veremos como havia inúmeras disputas internas pelo controle da Judéia que estava no momento de ápice territorial no governo de Alexandre Janeu e a aproximação de Pompeu para a anexação do referido território.

³ Respeitando a tradição antiga judaica, citaremos a palavra hebraica *Adonai* (אֲדֹנָי) em lugar de *YHWH* (יהוה), que posteriormente foi traduzido equivocadamente por Jeová ou Iavé na tradição cristã.

2. OS ENSINAMENTOS DA TORAH: EXPLICAÇÕES SACERDOTAIS PARA A CONQUISTA ROMANA

Em toda a história antiga judaica o que causava grande aversão na Judéia, não era apenas o fato de estar sob o jugo pesado estrangeiro, sendo necessário o pagamento de altos impostos que suprimiriam a vida econômica da população; ou ainda, os saques e as mortes que uma invasão acarretava, destituindo o que de mais precioso existia em Jerusalém. Mas sim, a ciência de que a principal causa de sua ruína era a conseqüência da sua própria desobediência a *Adonai*. Dessa maneira, não era apenas Roma que estava subjugando a Judéia, mas o próprio Deus que estaria voltando-se contra Israel e auxiliando o estrangeiro à vitória.

[...] "Grande Deus, Criador do Universo, pois que resolvestes terminar a prosperidade dos judeus, para aumentar a dos romanos e me escolhestes para lhes predizer o que está para acontecer, eu me submeto à vossa vontade, entrego-me aos romanos e consinto em continuar a viver. Mas protesto diante de vossa eterna majestade que, como um vosso ministro e não como um traidor, eu me entrego a eles. (JOSEFO, 2013, p. 1197)

Esse relato de Josefo mostra o momento em que ele é rendido em uma das cavernas da Judéia quando participava da revolta judaica contra o Império Romano entre os anos 66 d.C e 70 d.C (GOODMAN, 1994, p.15), e nesse contexto ele também faz referência a essa concepção judaica, já que ele provinha de uma linhagem sacerdotal e era um grande conhecedor das leis judaicas. Para ele, as invasões na Judéia não eram apenas resultado de um aparato militar superior romano, mas sim uma das conseqüências à desobediência às leis divinas. Ou seja, as glórias de guerras romanas são menosprezadas em favor de um determinante essencial para glória ou destruição de Judá: *Adonai*.

O sonho de Salomão, descrito por Josefo, ilustra a visão sacerdotal para com as inúmeras dificuldades de pacificar o território. A lei mosaica era clara quanto aos perigos que os contatos com os estrangeiros podiam proporcionar e também mostra como seria o tratamento dos estrangeiros nas terras israelitas. Como podemos perceber no trecho a seguir:

תורה אחת יהיה לאזרח ולגר הגר בתוככם: (JACOB, 2005, pág 109)

Torah achat ihieh laezrach v'lager hagar b'toch'chem⁴

Uma mesma lei haja para o natural e para o estrangeiro que peregrinar entre vós. (Ex. 12.49) (FERREIRA, 1995, 52.)

Não poderia haver portanto, diferenciação entre o natural ou nativo (*ezrach*, אֲזָרָח) e estrangeiro (*ger*, גֵּר) que habitasse nos territórios pertencente a Israel, a hospitalidade teria de ser observada segundo a lei, já que, como os israelitas foram estrangeiros em terras egípcias e usufruíram do Egito⁵, deveriam proporcionar àqueles que peregrinassem em Israel, as benesses da Terra Prometida. A memória de escravidão deveria ser preservada para que pudesse servir de testemunho para os filhos judeus a benignidade de *Adonai* no cumprimento das promessas feitas a Abraão (*Abraham*, אַבְרָהָם), Isaque (*Ytschac*, יִצְחָק) e Jacó (*Yakov*, יַעֲקֹב).

A condição de *ger* variou muito durante a história antiga de Israel. O *ger* poderia tanto ser um estrangeiro, que não possuía terras, quanto o próprio israelita de outra Tribo que peregrinasse na região, geralmente os *gerim*⁶ trabalhavam como prestadores de serviços, Winfried Thiel aponta que até os próprios levitas são colocados na posição de *ger*, por não possuírem terras e trabalhando apenas nos ofícios sacerdotais, por isso deveriam ser “asilados” pelo povo.

A princípio, a hospitalidade era praticada sem muita resistência, dada a condição nômade dos Patriarcas. A Torah enfatizava a necessidade de receber bem os *gerim*, Pois como *Abraham* havia hospedado anjos em sua casa, qualquer judeu poderia ser surpreendido pela presença de um mensageiro de *Adonai*. Winfried Thiel, também nos mostra que no período pré-estatal os *gerim* eram pessoas que haviam sido arrancadas de seus contextos étnicos tradicionais por fatores adversos do destino e se viam obrigados a viver como estrangeiros em outra comunidade. Não possuindo terras, também eram destituídas de direitos e necessitavam de uma proteção legal constante, seja por parte do grupo todo, seja por parte de uma família poderosa. (THIEL, 1993, p. 127) Havia, entretanto, um alerta para que o povo não comungasse com as práticas estrangeiras, que eram vistas como pagãs. Desse modo qualquer estrangeiro que habitasse nas terras israelitas deveriam seguir a lei israelita, ou seja, a Lei de Moisés (*Torah Mosher*, מִשְׁרָה)

⁴ Transliteração livre do texto anterior

⁵ Na questão de “usurfruir do Egito” estamos nos referindo ao período em que os israelitas trabalhavam na *terra de Gosém* (בְּאֶרֶץ גֹּשֶׁם) e possuíam o apoio de Faraó, pois segundo a *Torah*, José filho de Jacó (יֹסֵף בֶּן-יַעֲקֹב) governava o Egito e conseguiu benefícios de Faraó.

⁶ Quanto à questão do *ger* e sua historicidade, ver as referências a seguir feitas por Winfried Thiel no seu livro *A sociedade de Israel na época pré-estatal*.

(תרוח). De maneira alguma um israelita poderia liberar práticas pagãs no seu território, pois havia um pacto feito com *Adonai* que se fosse quebrado, na concepção judaica, acarretaria sérias conseqüências. O principal castigo para o povo que praticasse a idolatria, ou literalmente no hebraico a adoração estranha (*Avodah zarah*, עבודה זרה) era o retorno à condição de escravo. A condição de servo de outras nações seria uma conseqüência ao envolvimento com as práticas de povos que não conheceriam o verdadeiro Deus (יהוה).

וְעַבְדָּתָּ אֶת-אֱלֹהֵיךָ אֲשֶׁר יִשְׁלַחְנוּ יְהוָה בְּךָ בְּרָעָב וּבְצָמָא וּבְעִירָם
וּבְחָסֶר כֹּל וְנָתַן עַל בְּרִזָּל עַל-צָוֹאֲרֶךְ עַד הַשְׁמִידוֹ אֹתָךְ:
(JACOB, 2005, p. 335)

V'avad'ta et-oiveicha asher ishal'chenu Adonai bach b'raav uv'tsama
uv'eirom uv'choser kol v'natan ol bar'zel al-tsauarecha ad hish'mido
otach⁷

Assim servirás aos teus inimigos, que o SENHOR enviará contra ti, com fome e com sede, e com nudez, e com falta de tudo; e sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te tenha destruído. (Deuteronômio 28:48) (FERREIRA, 1995, p. 158.)

Claro que a hospitalidade e o cuidado nas relações interétnicas não foram respeitadas, vários profetas advertiram nos seus escritos quanto ao problema de, por uma parte, o desrespeito ao *ger* que estava estabelecido no seu território, por outra, as relações muito “aproximadas” que faziam com que o povo se descumprisse os estatutos da lei de Moisés e se envolvesse com práticas estranhas. As várias invasões no território israelita, (como no período dos Juízes e no período monárquico de Israel) foram, segundo os escritos sagrados, uma conseqüência dessas relações. Um dos exemplos mais tocados nesse contexto é o Rei Salomão (*Melech Salomón*, מלך שלמה) que se envolveu com esposas estrangeiras, que segundo o relato bíblico o tiraram da presença de *Adonai*.⁸ Essa questão de descumprimento das ordens divinas mais uma vez estaria a se repetir:

Não é evidente então que jamais o caminho das armas nos não foi favorável em semelhantes ocasiões, mas que os assédios que sustentamos nos foram sempre funestos? Não tenho pois eu razão em acreditar que aqueles que ocupavam um lugar tão sagrado, como o Templo, devem, sem confiar em forças humanas, abandonar-se inteiramente ao governo de Deus, quando sua consciência não lhes

⁷ Transliteração livre do texto anterior.

⁸ Ver I Reis cap. 11.

censura ter desobedecido às suas leis? Mas haverá uma das ações que mais Ele tem em abominação, que não a tenhais cometido? E de quanto sobrepujais em impiedade àqueles que vimos tão repentinamente feridos pelos raios da sua justiça? Os pecados ocultos, como os latrocínios, as traições, os adultérios, vos parecem muito comuns. Praticais a porfia, a rapina, os assassinios e inventastes mesmos novos crimes. Fazeis do Templo vosso refúgio, e esse lugar sagrado, tão respeitado pelos romanos, que lá adoravam a Deus, embora o culto que nós lhe prestamos não esteja de acordo com sua religião, foi conspurcado pelos sacrilégios daqueles cujo nascimento obriga à observância de suas leis e que são o seu mesmo povo. Podeis esperar, depois de tudo isso, ser ajudado por aqueles a quem ofendeis com tantos crimes? (JOSEFO, 2013, p. 1319.)

Josefo percebia que a invasão romana era uma conseqüência aos vários pecados da nação de Israel, que desde o seu último exílio ainda não tinha conseguido restabelecer a antiga ordem do povo de Israel. Aqueles que detinham o poder, apesar de serem de famílias sacerdotais, cometiam vários crimes que, para Josefo, degradavam ainda mais a ordem naquela sociedade. As inúmeras disputas entre grupos se intensificavam enquanto Pompeu marchava progressivamente ao encontro de Jerusalém.

3. RELAÇÕES CONTURBADAS NA JUDÉIA: EXPLICAÇÕES “NATURAIS” PARA A CONQUISTA

Quem nos levou à guerra contra os romanos, senão nossas divisões e nossos crimes? Não foi essa a causa principal de nossa escravidão, quando da contestação entre Aristóbulo e Hircano, animando-lhes o furor, um contra o outro, deu motivo a Pompeu de atacar Jerusalém e fez que Deus submetesse os judeus aos romanos porque o mau uso que eles faziam da liberdade os tornavam indignos de gozar da mesma?(JOSEFO, 2013, p. 1318)

Alexandre Janeu governou Israel entre os anos de 103 a.C a 76 a.C, conquistando quase toda a terra de Israel⁹. O território judeu conquistou o seu clímax. As várias campanhas para repelir os inimigos selêucidas, Demétrio III e Antíoco XII, o rei de Chipre, Ptlomeu Latiro, e os reis nabateus, lograram êxito e acrescentaram o domínio a várias cidades, alargando o seu domínio. Porém, as dissensões internas entre os saduceus e os fariseus, que desde o governo de Hircano I que, ofendido pelos fariseus deixa a seita dos fariseus e associa-se aos saduceus, criam um “mal-estar” no governo interno da Judéia, já que Josefo nos mostra a disputa não somente no campo religioso, mas também na esfera política desses dois grupos.

⁹ Entendemos por Terra de Israel a demarcação territorial realizada após a conquista de Canã por *Yhoshua* filho de *Num* (יהושע בן-נון).

A entrada de Hircano I no grupo dos saduceus, que representava a esfera da alta sociedade judaica, originou uma perseguição aos fariseus, castigando todos aqueles que aderiam aos estatutos farisaicos. Criando um clima de ódio na Judéia. O grupo dos fariseus, que Josefo trata como seita, entendiam a *Torah* através dos costumes e da “Lei Oral”, Martin Goodman aponta a possibilidade de esse grupo interpretar os escritos por meio de um “verniz” de “bom senso”, de acordo com os tribunais já estabelecidos nos povoados, para dessa forma conseguir solucionar questões mais complexas. Os saduceus recusavam-se a agir dessa maneira, afirmando que a Lei de Moisés deveria ser interpretada e aplicada por ela mesma, sem a intervenção de fontes externas. (GOODMAN, 1994, p. 83.)

Após a morte de Hircano I, Aristóbulo I seu filho, ascende ao trono da Judéia, encerrando no cárcere sua mãe e seus irmãos, dentre eles Alexandre Janeu, que só consegue assumir o poder em 103 a.C (AHARONI, 1999, p. 158.) depois que a rainha Alexandra, também conhecida por Salomé, após a morte de Aristóbulo, o retira da prisão. Mesmo com um novo rei a insatisfação da população ainda continuava.

Ao mesmo tempo, Alexandre, rei dos judeus, viu turbar-se o seu reino, pelo ódio que o povo tinha contra ele. No dia da festa dos Tabernáculos, quando se levam ramos de palmas e de limoeiros, ele preparava-se para oferecer sacrifício. O povo não se contentou de lhe lançar limões à cabeça, mas o ofendeu com palavras, dizendo que, tendo sido escravo, ele não merecia honra alguma e era indigno de oferecer sacrifícios a Deus. (JOSEFO, 2013, p. 626.)

A insatisfação da população refletia-se em inúmeras disputas internas que enfraqueciam o governo. Josefo nos mostra como os próprios súditos judeus de Janeu sinalizam para a Síria convocando uma revolta, devido os judeus possuírem várias cidades na Síria, e atrelando poderes com o vizinho, havia a possibilidade de derrubar Alexandre do trono. Demétrio Eucero, rei da Síria sobe contra Janeu e tenta convencer os gregos que estavam com Janeu a tornarem ao partido sírio. Mal logrado do intento, trava-se uma batalha na qual Alexandre é obrigado a fugir e inicia-se uma série de disputas com o governo Sírio.

É interessante observarmos como as relações étnicas da Judéia eram relativas ao governo e seus interesses, apesar de todas as direções dadas pela Lei. Aristóbulo, irmão de Alexandre Janeu e antecessor do trono da Judéia, que citamos anteriormente era cognominado *Filelés*, que significa “amigo dos gregos” e Janeu possuía milícias estrangeiras que o acompanhava nas suas batalhas. Josefo mostra como os próprios

judeus vão se dividindo progressivamente e se associando com estrangeiros, formando alianças e guerreando por diversos interesses entre si, levando dessa maneira o enfraquecimento do território controlado por eles na região da Iduméia à Galiléia.

Após a morte de Janeu em 76 a.C, sua esposa, agora viúva, torna-se regente do trono e, segundo Josefo, se reveste de uma forte milícia estrangeira conseguindo o afeto dos fariseus, por deixar os mesmos controlarem a política na Judéia e acabarem com a perseguição antes desencadeada. Por conseguinte, ordena a população que obedecessem a eles. Seus filhos Hircano II, mais velho e sumo sacerdote, e Aristóbulo II, seriam os futuros “anfitriões” de Pompeu que já despontava na Armênia pelejando contra Tigrano. Nesse ínterim Aristóbulo mesmo sendo mais novo, pretende tomar o poder das mãos de sua mãe, que passava por uma enfermidade. Ele faz alianças com príncipes de diversas localidades da Judéia e trava uma guerra civil contra Hircano II.

Hircano II perde a batalha nas proximidades de Jericó, quando uma boa parte de suas tropas o trai passando para o lado oposto. E foge para Jerusalém onde posteriormente faz um tratado de paz com Aristóbulo II deixando-o com o trono, enquanto ele dedicar-se-ia apenas com a vida privada. Esse tratado logo é quebrado devido um idumeu, por nome de Antípatro, rico, de uma das principais famílias dos judeus que vieram da Babilônia para a Judéia, amigo de Hircano e inimigo de Aristóbulo, o persuadir a se rebelar por, segundo ele, Aristóbulo ter pretensões de matá-lo. Hircano então faz aliança com o rei Aretas, soberano dos árabes e marcha contra Aristóbulo.

Aristóbulo não consegue resistir tal empreendimento e refulgia-se em Jerusalém, onde é montado um cerco. Nesse ínterim, Pompeu fazia campanhas ao norte e seria uma possível solução de salvação para ambas as partes. São enviados então embaixadores dos dois partidos para Escauro, um oficial de Pompeu que estava em campanhas em Damasco. Aristóbulo e Hircano oferecem quatrocentos talentos para a intervenção romana na batalha, porém Josefo relata que Escauro prefere Aristobulo por ver que ele teria mais condições de cumprir o prometido. Escauro, então, solicita a retirada de Aretas do cerco ameaçando-o declará-lo um inimigo do povo romano. A solicitação é aceita e o confronto é parcialmente cessado. Porém, Flávio Josefo nos diz que o litígio continua entre os dois irmãos, chegando até o próprio Pompeu:

Pompeu, depois de ouvir os dois irmãos, não teve dificuldade em constatar que Aristóbulo era violento. Disse-lhes que voltassem mais tarde, que procuraria dar remédio a tudo depois que dominasse os

nabateenses e os reduziu à obediência. Por enquanto, ordenava-lhes que vivessem em paz. Ele tratou Aristóbulo com urbanidade e gentileza, temendo que este cortasse a passagem, mas no entanto não lhe conquistou a confiança, pois Aristóbulo, sem esperar a realização de suas promessas, partiu para a cidade de Délio e de lá se retirou-se para a Judéia.

Pompeu sentiu-se ofendido com a retirada de Aristóbulo. Tomou as tropas que havia destinado aos nabateenses, mandou vir todas as que tinha em Damasco e no resto da Síria e com as legiões que comandava marchou contra ele. (JOSEFO, 2013, p.642)

Josefo segue seu relato mostrando como Aristóbulo foge para Jerusalém e passa a temer uma possível aliança entre Pompeu e Hircano, levando-o a se arrepender do ocorrido e fazer um novo acordo com Pompeu, oferecendo-o uma nova quantia em dinheiro a fim de cessar com a invasão. Pompeu, por sua vez, aceita a proposta e envia Gabínio, um dos seus oficiais, com tropas para receber o dinheiro e entrar na cidade. Entretanto, os próprios soldados de Aristóbulo se recusam a entregar o dinheiro e se refugiam na cidade cerrando as portas. Nesse ínterim percebemos como as divisões levaram a efetivação da tomada romana.

A cidade de Jerusalém estava dividida. Uns diziam que era preciso abrir as portas a Pompeu. Os do partido de Aristóbulo afirmavam que ao contrário, que deviam fechá-las e se preparar para a guerra, pois ele era mantido prisioneiro. E sem adiar mais, apoderaram-se do Templo, destruíram a ponte que o unia à cidade e resolveram defendê-lo. Os outros receberam o exército de Pompeu e entregaram-lhe a cidade e o palácio real. Ele logo mandou Pisão, seu lugar-tenente-general, com as tropas para tomar posse dela. Pompeu, por sua vez, fortificava também as casas e os outros lugares próximos do Templo. Mas antes de tentar qualquer outro esforço, ofereceu condições de paz aos que pretendiam defendê-lo. Quando viu que eles recusavam, fortificou com muralhas o que estava em redor. Hircano fornecia com prazer tudo o que era necessário. (JOSEFO, 2013, p. 644.)

Percebemos a situação em que Jerusalém se encontrava, onde progressivamente as lutas de Hircano e Aristóbulo levavam a aproximação de Pompeu que após três meses de cerco, consegue entrar em Jerusalém onde a divisão era tamanha que Josefo diz que: “Parte dos judeus foi morta pelos romanos, os outros matavam-se entre si ou se precipitavam do alto ou incendiavam as próprias casas.” (JOSEFO,2013, p. 645) Por fim, Flávio Josefo justifica a conquista romana dizendo: “Foi assim que a divergência entre Aristóbulo e Hircano causou tantos males, fazendo-nos perder a liberdade, sujeitando-nos ao Império Romano e nos obrigando a entregar o que havíamos conquistado da Síria pelas armas”(JOSEFO,2013, p. 645)

BIBLIOGRAFIA

AHARONI, Yohanan; et al. **The Macmillan Bible Atlas**. Trad.: Neyd Siqueira. CPAD: Rio de Janeiro, 1999.

Bíblia Sagrada. Trad.: João Ferreira de Almeida. SBB: São Paulo, 1995.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Trad.: Vicente Pedroso. CPAD: Rio de Janeiro, 2013.

GOODMAN, Martin. **A classe dirigente da Judéia**: as origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d.C. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

Torah Prophets Writings: Massoretic Text according to Jacob ben Chayim and C.D. Ginsburg. Bibles.org.uk: London, 2005.

THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. Tradução: Ilson Kayser, Annemarie Höhn, São Paulo: Paulinas.